



Cidade do México, 17 de fevereiro de 2016

Os trechos aqui apresentados representam um conteúdo de impressões rotineiras, de cunho doméstico, que resumem o desejo de viajar sobre meus próprios fragmentos; que resumem o desejo de continuar a marcha, mesmo quando o deslocamento encerrou-se e tudo o que sobra para o naufrago é confundir “porto” com “bordo”. Gêntis e quase espelhadas palavras para aquele que indisternce no horizonte céu de mar.

Naveguei por um arquipélago de ilhas distantes, mas que percebo possuírem litorais complementares. Não sei dizer se estão em afastamento ou em aproximação. Algum dia talvez formem um conjunto coeso, ou o mesmo já se deu, e hoje se distanciam. Difícil precisar, mas coube apenas a mim cartografar estes territórios em perpétua migração. Ora oásis, ora pântanos, não passaram de um meio de afastar-me daquilo que Jack London em *A Estrada* chamou de trabalhar a vida inteira no mesmo turno.

Na tentativa de assegurar proteção à jornada, busquei unir estas partes dispersas à sombra de poucos, mas fundamentais autores com quem mantenho proximidade. Eles foram parte do lastro intelectual mínimo que trouxe para a travessia, companhias durante os dois anos em que habitei diversos lugares desta terra, vivenciando a solidão pura e a construção de uma ciência caseira proporcionada pela deriva.

Cidade do México, 10 de fevereiro de 2016
Pérola e Cazmal Fil

É importante manter acesa a chama da vivência com o absurdo, pela inversão das grandezas que a miniatura possibilita. Quando a lógica da representação e a simples oposição de contrários são ultrapassadas, ativamos fendas profundas de grandeza sonhadora, sendo capazes de vivê-las, mais do que apenas contemplá-las. É possível habitar o sentimento acalorado e acolhedor dos Bachelardianos objetos pequenos. Em suas companhias, tempos se condensam e se multiplicam. Ninho, Concha, Cabana.

As coisas e os lugares diminutos são quentes pois os iluminamos através do relevo de lupas generosas, que amplificam detalhes, assim como as novidades. O afeto aliado à atenção são nossas lentes. Apesar de aludirmos à visão, há muitos indícios de que essas joias não são apenas para os olhos; ao trocar opiniões com um grande amigo sobre as imagens suscitadas pelo liliputiano, o fazíamos em meio a algumas pedras ofertadas por um terceiro amigo, exímio ourives. O que é uma gema além da longa sedimentação de tempos, luz e matéria, a constituir uma miniatura de mundo, um meteoro capaz de abrigar pequenos reinos e príncipes em sua topografia de crateras? Durante toda a conversa reparei que intuitivamente nossos dedos examinavam com cuidado as reentrâncias de cada rochedo. Esse deslocamento tátil sentia a densidade, a porosidade, a paisagem de cada uma sem pressa. Quando satisfeitos, os olhos escolhiam outra, mas a observação era feita seguindo o apelo do velado. Notei também que quando os ouvidos de meu interlocutor eram positivamente provocados, seus dedos excitavam-se e não mais as Tateavam apenas, mas as burilavam como se emanassem calor. Quanta energia de devaneio pode conter um simples fragmento do Cosmos.

Essa impressão não ocular, ou melhor, de uma ocularidade ampliada, desviada, veio-me através de outra fonte ainda. Uma fonte muito jovem e faminta de mundo. Na mesma semana sentei-me para brincar com a filha de outro amigo e fui surpreendido por um museu. Assim ela o chamou. Carregava uma dupla de caixas plásticas com divisórias preenchidas por diversos objetos. Tratava-se mesmo de um museu em miniatura contendo dois pavimentos. Havia conchas, sementes secas, uma bola de golfe, cravos de ferrovias e diversos minerais. Um a um os objetos me foram apresentados e depositados sobre minhas mãos por dedos sensíveis e de pele fina. Para cada artefato o mesmo par de perguntas. “Este é liso ou áspero? Mas liso ou mais áspero que o anterior?” Seguimos nesta ocupação com entusiasmo duradouro.

Rememorando o evento, percebo que minha alma exercera sua condição profanadora natural e espontaneamente. Em parceria, eu e esta criança, instauramos um vocabulário e um modo operatório que sustentaram nossa curiosidade analítica sem espantar o encanto da primeira vez. Ao cultivar estas inversões, contradições e impossibilidades contidas na miniatura, frequento os objetos com todo o corpo e todo o coração. Houve uma certa paz naquele movimento e senti-me acolhido por aquilo que acolhia. Tenho sempre nostalgia das capacidades da infância.

Cidade do México, 3 de fevereiro de 2016
Rota da Seda

Ser a parteira de uma cigarra, contemplar sua feminina valentia.
Cavalgar o deserto numa anta.
Morder um chile habanero até o caule. Fazer tranças com pelos pubianos.
Tap-dance negativo.
Não me interessa por qual ponta ascendeu-se a vela.
O que interessa é a cor da chama, seu brilho: verde bário, fogo-laca, prata-chinês contrabandeada.
Não tente classificar minha generosidade como bondade.
Certamente lhe decepcionarei, porque se reparar, já afanei seu relógio e pixei o muro da sua casa.
Sou um homem perigoso. Se eu lhe beijasse agora, seria um crime.

Sento-me virado para a montanha. Nos conhecemos há muito tempo. Nos frequentamos como dois territórios irmanados. Ao observar e ser observado, posso senti-la plasmando o magma de minha topografia íntima. Faz isso sempre que deseja por mim caminhar, quando deseja contemplar por onde percorri. Fui empurrado em direção ao mundo por sua vontade. Mesmo sabendo que não progredirei muito, deseja me ouvir. Pode esperar uma eternidade para saber do resto, já que sempre repousará ditosamente no mesmo lugar à espera de outros homens febris.

Quando era eu que trilhava seu corpo, resolvi montar repouso. Pedi permissão e inaugurei em suas costas um pequeno caluje, para que pudesse lhe contar sobre suas amigas do outro lado do vale. Consentiu, porém impôs condições: no tempo certo a fisicalidade do abrigo deveria ser superada e seu estado incorporado. Deveria torna-me cabana, e a mesma deveria caminhar. Deveria residir em outras montanhas, outros picos e vales, outras superfícies desta terra. E também deveria eu volta e contar o que presenciei. É isso que venho fazer, retornando no mesmo dia em que fui aceito há anos atrás. Após nossa separação, parar não mais foi uma opção, e como um humilde Marco Polo retorno para narrar a Kublai Khan aquilo que vi.

A primeira marcha seguiu o chamamento de uma estrela. Encaminhei-me até as franjas do deserto e ali partilhei as reminiscências de minha morada/templo com o povo que detém o astro peregrino em seu estandarte. Salões foram visitados nas marés elegidas, e ajoelhei-me virado para a cidade divina na mais antiga das mesquitas. Alimentei-me de tâmaras, damascos e recebi a bênção de que necessitava: “Allah badique ia sidi!” (Deus vos conduza, ó chefe!). Deste oásis regressei com um terço de ossos de camelo. Simbolizou aquilo que Zaratustra chamou de a primeira metamorfose do espírito. Quando, para dura travessia, o viajante julga importante transformar sua alma em besta de carga e acumular provações que curvem os joelhos na esperança de açoitar o ego.

A segunda parada foi na colônia holandesa no Novo Mundo. Ilha que nunca dorme. Lá habitei uma antiga igreja ao lado de outros profanadores, onde promessas de encontros foram estabelecidas para o futuro. Não há muito o que se fazer além de gozar os desejos e se divertir. Rápido entende-se que a ilusão do consumo apenas causa delírios e insônia. Enquanto pensamos que a cidade para nós trabalha, na verdade lhe somos escravos, doando nossa chama para mantê-la sempre acesa. Mas essa clivagem importante também se faz para o camelo. Pois deseja escalar os picos mais altos para dar voz à loucura e rebaixar a lucidez.

Engordado e entorpecido, seguiu o espírito para o verdadeiro deserto. Um convite o levou para aquela que dizem ser a mancha mais ausente de vida do globo. Ali mais uma cabana aguardava perdida entre as bordas dos oceanos de água e areia. Por sessenta noites apenas cães selvagens, pelicanos e leões marinhos foram companhia. Ao arrastar pelas nadadeiras traseiras um deles e ofertá-lo a meus novos irmãos, o camelo deu lugar ao predador de mesmo nome que seu companheiro aquático. Atravessava eu a segunda metamorfose do espírito. Para viver em ambiente tão hostil ao lado de criaturas que estão aqui antes mesmo do primeiro déspota, foi necessário crescer os caninos e lidar com os ciclos de vida e morte sem temor. Predar foi o que imperou. Foi do leão que necessitei

para libertar-me de valores antigos a muito arraigados e inaugurar solo para o devir. Rapinando aquilo que imaginava importante é que se abriu vaga para permanecer neste território, aprender novos truques com os espreitadores. Exercitei a crucialidade. A consequência, a espera. Só assim pude estar leve o suficiente, ágil e atento para que o restante do itinerário fosse construído magneticamente pela carne com o caminho.

Desenvolveu-se vocabulário silencioso, com significado preciso para muitas das coisas que não têm nome e que são impronunciáveis em qualquer linguagem dos homens. Ampliou-se o que foi adquirido com os companheiros de jornada anterior; com o roedor que surrupiou alimento, com o colibri promíscuo a enamorar-se de diversas flores e com o vaga-lume cavalgado no hífen. Mas é importante entendermos que assim como sabia o imperador dos tártaros ser impossível descrever a magnitude de seu vasto império, sabemos não ser viável voltar de mergulhos profundos sem temer irmãos e irmãs. Sem sofrer a tentação de apertar o gatilho após entender que nos reerguemos de um tiro auto-impingido, sem apresentar os sintomas da shotgun fever. Por isso quase desejei não regressar e acreditava ter encontrado meu lugar ao lado do círculo selvagem. Mas ser contemplado por olhos bravios me obrigou a olhar para mim mesmo, a olhar para o outro e acolher a espécie de que também sou integrante. Para esse novo começo deveria conviver com o elemento humano que tanta hostilidade estendi.

Desci então ao extremo sul. Faceando o Atlântico encontrei um litoral triangular. Os reflexos do luar tornam suas águas prata, e o portenho creu por bem batizar tal terra pelo brilho do metal, impregnando a cidade com a razão da colonização americana. Per Marte, Per Mercurio! (Pela guerra, Pelo metal!). Num dos vértices, bardos reúnem-se a cada dois anos naquilo que consideram o fim do mundo e deixam seus testemunhos em comunhão com os elementos. Elegi a luz solar e com a areia do deserto transformada em vidro tracei um desenho soslaio do planeta.

Seguindo a ascensão do conquistador, na capital dos Mexicas dancei com anciãs e coreografei aquilo que devo repetir antes da morte me levar. Entrelaçamos nossos destinos com bordados e iremos em breve celebrar o feminino dando luz à obra em parceria. Nas reminiscências da antiga tribo eslava – que já pertenceu ao império austro-húngaro, ao domínio negro daquele que conspurcou a suástica hindu e ao regime do proletariado – estabeleci comunicação com crianças através da linguagem musical e compusemos melodias que lembram que ninguém dobra por muito tempo esta gente.

Estas viagens por onde me conduziram? À inocência e ao esquecimento. Caminhei um mundo para retornar aonde tudo começou. O leão deu lugar à criança. Agressividade à doçura. O entendimento de que o novo nasce de passos tolos e que manter a condição infante é o único meio de se jogar o jogo da criação. Retornei a um estado mais primitivo, mais simples, inocente e não por isso menos belo, quando ainda não havia nomes para as coisas. Paixão, ódio, egoísmo, altruísmo, artista, caçador e guerreiro sentados novamente na mesma mesa sem hierarquias. Do garimpo para recomeçar, a oportunidade de erigir-me combinado a materiais sutis e misteriosos. Pó de estrelas, figos secos, mirra e veludo. Cacos de vidro, sêmen, ganância e assassinato. O reto e a curva. Para alguns um exercício condicional de vida, a chance de um novo início; para outros uma tortura a se evitar. Foram essas as três metamorfoses que meu espírito atravessou, as primeiras entre muitas. Aquilo que vim até aqui narrar. Elas hoje pontuam apenas mais uma estação, mais um marco celeste a cartografar minhas constelações íntimas.